

Songbook de Chico é gol de placa da Lumiar

Quando o produtor Almir Chediak selançou aprojeto de songbooks, enfocando em livros a obra de alguns dos maiores gênios da música brasileira com a cuidadosa edição de partituras e letras das canções mais representativas, estava dando início a uma idéia que iria desaguar numa formidável série de CDs.

Já no primeiro disco do selo Lumiar, lançado em 1991, tivemos a oportunidade de conhecer decentemente o legado de Noel Rosa, interpretado por gente que ia de João Nogueira a Tom Jobim, de Luiz Melodia a Os Cariocas. A iniciativa de Chediak proporcionou a todos nós, de gerações mais recentes, o prazer de „tomar“ Noel (como receitaria Chico em „Paratodos“) em gravações tecnicamente muito superiores àquelas do tempo de Aracy de Almeida. O Songbook dedicado ao poeta de Vila Isabel seria, para muitos, o melhor dentre outros álbuns que chegariam depois, como os de Djavan, Tom Jobim e Edu Lobo.

Mas o projeto Chico Buarque, acalentado nos estúdios de maio de 1997 a novembro do ano passado, acabaria superando as expectativas mais otimistas. Ganhando as vitrines das lojas de discos às vésperas do Natal, o songbook do Chico trouxe oito CDs com boa parte da obra do compositor carioca que já foi considerado a „única unanimidade nacional“. Estão lá, nas 118 faixas que compõem o pacote musical, representantes diversos da nossa música, como os bossa-novistas Carlos Lyra e João Donato, os vanguardistas paulistanos Tetê Espíndola e Luiz Tatit, até a turma mais nova, com Ana Carolina, Chico César e Zeca Baleiro.

Os arranjos foram em sua maioria elaborados por Cristóvão Bastos ou Leandro Braga, configurando um painel sensível e enriquecedor da obra buarquiana. Em alguns momentos, ousadia foi palavra-chave como na



faixa „Cotidiano“, defendida por Arnaldo Antunes, com o guitarrista Edgar Escandurra tirando efeitos rycooderanos. Estranho e muito instigante, como também em „Construção“, erguida nos teclados de José Miguel Wisnik, sobre um tema de Tom Zé. Aliás, um critério sempre usado por Chediak que deixa o jornalista intrigado é o porquê de alguns músicos aparecerem como atração principal numa faixa e outros não. Por exemplo, por que Ricardo Silveira „aparece“ dividindo „Nicanor“ com Zé Renato e Dirceu Leite em „Sem Fantasia“ não, quando o clarinetista também é responsável junto à Joyce e Emílio Santiago, desta belíssima faixa? Fica aqui a questão.

É difícil dizer qual é a interpretação mais bonita dos oito CDs. Caetano Veloso cantando „Flor da Idade“ é um verdadeiro achado. Dá a impressão inclusive de ser peça extraída de um de seus discos de carreira, tal a propriedade do „encontro“ entre o cantor e a música. Quando ele desfia o verso „despudorada, dada, à danada agrada andar seminua“ é celebração total do grande poeta que é Chico Buarque de Hollanda. Zizi Possi cantando „Beatriz“, parceria de Edu Lobo & Chico que entrou para história na voz de Milton Nascimento, é de causar extrema comoção. Como por sinal o próprio Bituca em „Olha Maria“ (Chico, Tom e Vinícius), que se não me engano, dá as caras pela primeira vez nos engajados mutirões de Chediak. Milton deveria constar sempre no rol de intérpretes escalados para os songbooks, pois suas leituras são sempre tão plenas! Isso, é claro, enquanto a Lumiar não produz um projeto dedicado a ele.

Paulinho Moska também consegue se destacar em meio a tantas estrelas de primeira grandeza, dedilhando um violão precioso e um canto límpido em „As Vitrines“. É de se tirar mesmo o chapéu para aquele que já cometeu algumas bobagens por aí. Elba Ramalho também está muito bem em „Sem Açúcar“. Gal Costa, que costuma lapidar à perfeição a música de Chico, também está presente com „Samba e Amor“, Gil vem de „Sonho de Um Carnaval“, enquanto Ney Matogrosso – que já tributou um disco inteiro ao autor de „Estorvo“ –, ataca de „Desalento“ e „Carolina“. E, mais uma vez salta aos olhos, a certeza de que Chico é, sim, ótimo cantor, como na canção „João e Maria“, obra-prima dele e de Sivuca. Num duo ao lado de Branca Lima, que empresta tocante meiguice aos versos melancólicos da música, temos aí, muito provavelmente, a faixa mais bonita de todas. Um intérprete à altura do letrista que traçou algo como „qualquer canção de amor / é uma canção de amor / não faz brotar amor / E amantes./Porém, se essa canção,/ nos toca o coração, / o amor brota melhor / e antes“.

Por falar nas letras, a cantora portuguesa Eugênia Melo e Castro comete um deslize ao gravar „Tanto Mar“, uma ode de Chico à revolução dos cravos, acontecida em Portugal em 1974. Enquanto os militares lusitanos se propunham através de um levante, a reestabelecer a democracia confiscada ao povo português, o Brasil de Chico tinha então no poder, verdugos que cumpriam o papel deplorável da tirania. Eugênia troca a letra, esvaziando-a por completo. Se a intenção era moldar uma homenagem a Chico, em retribuição à canção original, que clama pela aproximação entre Brasil e Portugal, a idéia saiu pela culatra. Que pena, mas nada que tire o brilho ensolarado do songbook. Esses oito discos lançados pela Lumiar são a melhor das oferendas que se pode fazer em nome de Chico Buarque de Hollanda. ■

Felipe Tadeu Brasilcult@aol.com